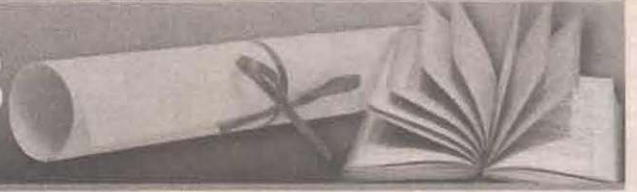


NOVAS GRADUAÇÕES



# ARQUEOLOGIA EXIGE TRABALHO EM EQUIPE

A arqueologia é a ciência que estuda o passado da humanidade pelo resgate de vestígios materiais que resistiram ao tempo e chegaram aos nossos dias. No Brasil, País com mais de 500 anos de história, arqueólogos encontram campo fértil de trabalho tanto

na terra quanto debaixo d'água. Portanto, o recém-criado curso de arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) chega em boa hora. Confira na terceira reportagem da série sobre as 10 novas graduações que a UFPE implantará no próximo ano. Texto de Cleide Alves.

Se você quer ser arqueólogo, saia da biblioteca. Quem assistiu ao novo longa-metragem da série Indiana Jones, ouviu esse conselho do famoso personagem, interpretado pelo ator Harrison Ford. Arqueólogos não são aventureiros no estilo doutor Jones, mas a frase resume a filosofia do curso que entra em funcionamento na Universidade Federal de Pernambuco em 2009. "Não vamos formar arqueólogo de gabinete", avisa a coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da UFPE, Anne-Marie Pessis.

Os estudantes que optarem pela graduação na UFPE terão aulas pela manhã e à tarde, com atividades práticas desde o primeiro ano do curso. "Ao concluírem os dois anos do ciclo básico, estarão capacitados para fazer estágios." O bacharelado, com 30 vagas, é o quarto do País e o terceiro do Nordeste, conforme o Ministério da Educação. Há um no Piauí, um em Sergipe e outro em Goiânia.

Profissionais de arqueologia desempenham funções em instituição pública, empresa privada, museu, universidade. Por lei, cabe a eles acompanhar obras em áreas antigas, para salvaguardar o patrimônio histórico e pré-histórico do País. Atuam na educação patrimonial, preservação e restauração de bens culturais, realizam pesquisas e contribuem com projetos de desenvolvimento turístico e de gestão ambiental. Sempre voltados para a proteção do bem cultural e natural.

"O campo é vasto", afirma Anne-Marie. A partir de achados tirados do subsolo ou recuperados em áreas submersas, o arqueólogo resgata o dia-a-dia de antigas populações, hábitos, alimentação, como viviam. "Com os vestígios, é possível confrontar o que se fala na história, antropologia e sociologia, da pré-história aos dias atuais. O trabalho arqueológico fornece material para comprovar fatos."

Misto de investigador e cientista, com sabor de aventura, ele é um profissional polivalente. Parte das atividades é realizada sob o sol (na área urbana ou na selva), mexendo com cacos de louça, cerâmica, pedras, esqueletos, fósseis, numa atividade minuciosa e delicada. No mar, recuperam informações em navios afundados.

Os candidatos ao novo curso (até então a UFPE contava apenas com pós-graduação) devem ter conhecimento mínimo de matemática, para lidar com estatística, física e química, para saber a diferença entre óxido de ferro e magnésio, por exemplo.

"O arqueólogo deve gostar de caminhar, ter curiosidade e saber trabalhar em equipe. Precisa entender a natureza e ir além do que está diante dos seus olhos", elenca a professora. Foi o trabalho de arqueologia que trouxe à tona, em Olinda, o caminho usado pela população, no século 16, para chegar ao Convento São Francisco, na Cidade Alta.

No Bairro do Recife, resgataram para a geração atual o muro que protegia a cidade no século 17, construído pelos holandeses que ocuparam o Nordeste brasileiro de 1630 a 1654. "Recuperar o passado é fundamental para se planejar o futuro", destaca. Como se vê, a vida de arqueólogo é bem distante de gabinetes. "É uma profissão para quem sabe fazer falar as pedras."

O currículo prevê 2.940 horas de aula, com disciplinas teóricas e práticas. Entre outras, arqueométrica (informática para arqueólogos), arqueologia subaquática, conservação patrimonial, métodos e técnicas de restauração. Para evitar evasão, todo aluno terá um tutor. O estudante com dificuldade em alguma disciplina terá reforço em laboratório. O curso é vinculado ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH). As aulas serão no CFCH e no laboratório em construção.



Marcos Michell/JC Imagem/01-03-2005

**RIQUEZA** Profissionais resgatam história de antigas populações em achados no subsolo ou em áreas submersas

## Professor atua na identificação de sítios no País

O coordenador do Laboratório de Arqueologia da UFPE, professor Marcos Albuquerque, 65, trabalha como arqueólogo há 43 anos. Começou numa época em que praticamente não se falava em arqueologia no Nordeste, como ele mesmo diz. "O curso que mais se aproximava era o de ciências sociais, por causa de duas disciplinas, antropologia física e antropologia cultural."

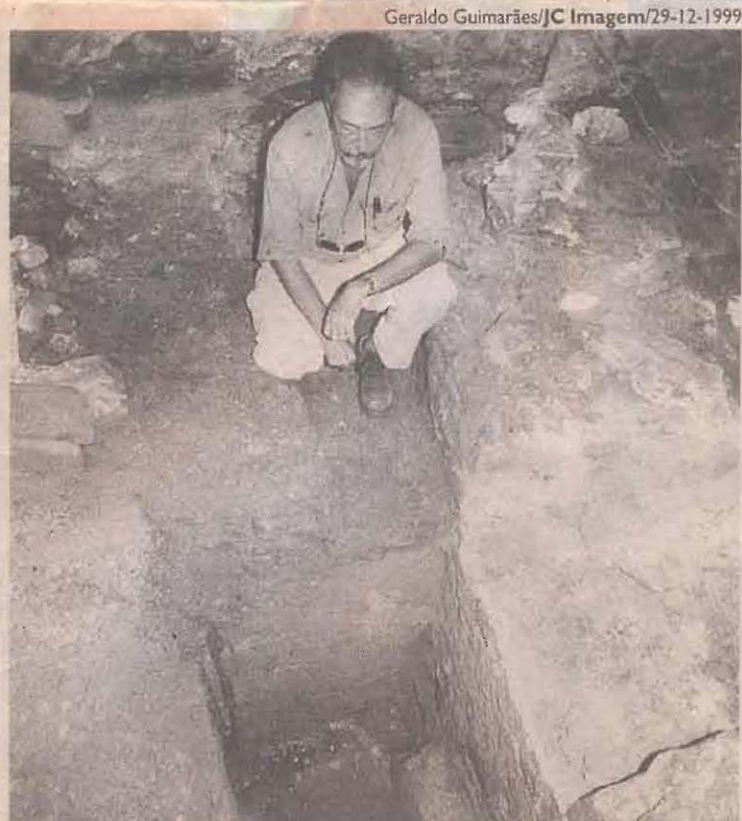
Ele fez graduação em ciências sociais e pós-graduação na Universidade Federal do Paraná, mestrado e doutorado em história pela UFPE, voltado para arqueologia. Hoje, é um dos arqueólogos mais conceituados do Brasil.

Participou de pesquisas em sítios arqueológicos do Oiapoque ao Chuí, de Cabo Branco (PB) ao Forte Príncipe (Oeste do País), Portugal e no Paraguai. Em Pernambuco, coordenou escavações no imóvel que abrigou a primeira Sinagoga das Américas, Kahal Zur Israel, no Bairro do Recife.

Localizou a Feitoria de Cristóvão Jaques, em Igarassu, local de desembarque dos primeiros portugueses em 1516, desenvolveu pesquisas no Forte Orange (Itamaracá) e na fortaleza de São José de Macapá (Amapá). "Se tivesse de escolher novamente, faria tudo de novo."

A curiosidade pela origem das coisas e o fato de gostar de muitos assuntos definiu a profissão. "Arqueologia reúne o que eu gosto, trabalho de campo, matemática, informática, fotografia, estrada." O arqueólogo, diz, pode atuar na pesquisa pura, ligada a uma instituição, e na pesquisa aplicada, para estudo de impacto ambiental, necessária por lei brasileira.

"Creio que uma sociedade que não conhece seu passado não tem perspectiva de futuro. O arqueólogo faz a ponte entre o passado e o presente. Assim, permite a compreensão da comunidade por meio de elementos materiais da cultura. A arqueologia tem contribuído com áreas como a medicina, a botânica, a física. Acho um trabalho fascinante."



Geraldo Guimarães/JC Imagem/29-12-1999

**RESGATE** Para Marcos Albuquerque, passado é perspectiva do futuro

### » SAIBA MAIS

#### Áreas de atuação

- » Instituições públicas
- » Empresas privadas (acompanhando obras de implantação de hidrelétricas, linhas de transmissão, mineração, saneamento, pavimentação de estradas, ferrovias)
- » Universidades (ensinando e desenvolvendo pesquisas)
- » Museus (curadores de exposições e de acervos arqueológicos)
- » Ações educativas (comunidades onde se encontram os sítios arqueológicos)
- » Turismo cultural

#### Salário

- » Em início de carreira, pode chegar a R\$ 2 mil. O profissional sênior, com trabalho de campo, chega a receber R\$ 5 mil

#### Mercado de trabalho

- » Em expansão

#### Aptidões necessárias

- » Gostar de todas as disciplinas
- » Gostar de trabalhar em equipe
- » Gostar de caminhar e de trabalhar na rua

#### O curso na UFPE

- Vagas: 30, com início das atividades no primeiro semestre de 2009
- Tempo de duração: quatro anos (oito semestres)
- Horário do curso: manhã e tarde

#### A graduação no Brasil

- De acordo com o MEC, há três cursos de graduação no País. São duas instituições federais e uma particular:
  - » Fundação Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univast), funciona em São Raimundo Nonato, no Piauí, desde 2004, com arqueologia e preservação patrimonial
  - » Universidade Católica de Goiás (UCG), funciona em Goiânia, desde 2006
  - » Universidade Federal de Sergipe (UFS), funciona em Laranjeiras, desde 2007